

Eixo Temático: Inovação e Sustentabilidade

DIMENSÕES DA SUSTENTABILIDADE NA 21ª FEIRA INTERNACIONAL DO COOPERATIVISMO E 10ª FEIRA LATINO AMERICANA DE ECONOMIA SOLIDÁRIA EM SANTA MARIA - RS

SUSTAINABILITY DIMENSIONS IN THE 21th INTERNATIONAL FAIR OF COOPERATIVE AND LATINO 10th FAIR OF AMERICANA SOLIDARITY ECONOMY IN SANTA MARIA - RS

Adrieli Berleze Schmidt, Elisandra Freitas Denardin, Elio Segio Denardin, Lisandra Taschetto Murini
e Lourdes Dll

RESUMO

As organizações buscam cada vez mais alternativas para se manterem competitivas e com capacidade de enfrentarem os desafios que ocorrem no cenário atual. Com as transformações sociais e no modo de produção, ao longo dos anos, três temas possuem destaque neste estudo: a sustentabilidade, o cooperativismo e a economia solidária. O objetivo geral da pesquisa consistiu na análise das dimensões da sustentabilidade nos empreendimentos participantes da Feira de Economia Solidária em Santa Maria, RS. O estudo é de relevância por contribuir com conceitos teóricos e informações que refletem a atuação e a experiência dos grupos inquiridos por ocasião da Feira de 2014, para a sustentabilidade dos empreendimentos de Economia Solidária do Brasil e de outros países. A metodologia caracterizou-se como pesquisa qualitativa e quantitativa, exploratória e descritiva, e de pesquisa de campo. A população da pesquisa foi de 855 grupos de expositores, dos quais selecionou-se uma amostra de 303 pessoas que se dispuseram a participar da investigação. A coleta de dados realizou-se através de entrevista padronizada com os representantes dos grupos. Os resultados da análise revelam que as dimensões econômicas, sociais e ambientais demonstram valores positivos. Conclui-se que a sustentabilidade vem sendo praticada, atingindo um nível elevado de importância.

Palavras-chave: Cooperativismo, Economia Solidária, Sustentabilidade.

ABSTRACT

Organizations increasingly seek alternatives to remain competitive and able to face the challenges that occur in the current scenario. With social change and mode of production, over the years, three themes have highlighted in this study: sustainability, cooperation and solidarity economy. The overall objective of the research was the analysis of the dimensions of sustainability in the participating enterprises of the Solidarity Economy Fair in Santa Maria, RS. The study is particularly relevant for contributing to theoretical concepts and information that reflect the performance and experience of the groups surveyed by the Fair during 2014, for the sustainability of the Solidarity Economy projects in Brazil and other countries. The methodology was characterized as qualitative and quantitative, exploratory and descriptive research, and field research. The research population was 855 groups of exhibitors, of which selected a sample of 303 people who were willing to participate in the investigation. Data collection was conducted through standardized interviews with representatives of the groups. The analysis results show that the economic, social and environmental dimensions demonstrate positive values. It concludes that sustainability has been practiced achieving a high level of importance.

Keywords: Cooperative, Solidarity economy, Sustainability.

1 INTRODUÇÃO

Transformações rápidas e extensivas nos ecossistemas, na visão da Organização das Nações Unidas (ONU), vêm sendo realizadas pelo homem, desde os meados do século XX, com maior intensidade as de outros períodos da história da humanidade (PEREIRA, SILVA e CARBONARI, 2011).

No cenário social contemporâneo as organizações constituem o tipo de sistema predominante com tendência a tornarem-se maiores e mais estruturadas. Desta forma, as pessoas no decorrer de sua existência cada vez mais interagem com os diversos tipos de organizações buscando atender seus diferentes desejos e necessidades.

Segundo o entendimento de Gomes e Moretti (2007, p. 280), “a responsabilidade social tornou-se o tema principal da pauta internacional por envolver uma concepção de *triple botton line*, resultado atual de quase meio século de esforço de conscientização e luta na montagem da agenda positiva para a sociedade e principalmente a comunidade empresarial”. Enfatizam que a sociedade atual adquiriu uma forma demasiadamente centrada nas atividades econômicas. Afirmam que é preciso imaginação e desprendimento para adquirir a consciência de uma nova perspectiva para as gerações futuras, superar as barreiras e construir uma sociedade mais justa.

O objetivo geral da pesquisa consistiu na análise das dimensões da sustentabilidade nos empreendimentos participantes da Feira de Economia Solidária em Santa Maria, RS, 2014. Estabeleceu-se como objetivos específicos: identificar os fatores sociais, ambientais e econômicos positivos que mais se sobressaem; apontar as dimensões sociais, ambientais e econômicas que necessitam de maior atenção para se aperfeiçoarem; e propor sugestões para melhorias da sustentabilidade nos grupos de Economia Solidária.

Justifica-se o presente estudo pela necessidade de maior conscientização sobre a situação de como são utilizados os recursos naturais, orientando o desenvolvimento tecnológico e cultivando os valores sociais e éticos na atualidade e com vistas às gerações futuras. Como enfatiza Chiavenato (2008), atualmente, a sustentabilidade refere-se ao crescimento e desenvolvimento das organizações envolvendo as dimensões relacionadas ao seu ambiente social e ecológico. E acrescenta que, além da sociedade e da natureza não serem prejudicadas pelas ações e operações das empresas, sejam influenciadas positivamente pelas suas atuações.

A importância da sustentabilidade é realçada por Savitz e Weber (2007) ao afirmarem que os empreendimentos que honram os princípios da sustentabilidade tendem a ser duradouros. E a considera como a única maneira de conquistar o sucesso no mundo interdependente atual.

A pesquisa torna-se relevante, por contribuir com conceitos teóricos e com informações que refletem a atuação e a experiência dos grupos inquiridos por ocasião da Feira, para a sustentabilidade dos empreendimentos de Economia Solidária do Brasil e de outros países abrangendo os aspectos econômico-financeiro ou lucro, social ou serviço à comunidade e ecológico ou respeito ao ambiente.

Pretende-se ainda com este trabalho reforçar a integração do Centro Universitário Franciscano com o movimento da Economia Solidária, trazendo subsídios dos empreendimentos participantes da 21ª Feira Internacional do Cooperativismo e 10ª Feira Latino Americana de Economia Solidária em Santa Maria para o contínuo aperfeiçoamento deste evento, que vem incentivando formas alternativas de produção e comercialização em benefício da qualidade de vida dos integrantes dos projetos e da comunidade em geral.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Sustentabilidade

O significado do termo sustentável para uma organização é de manter sua capacidade de sobrevivência, também continuar atuando no seu ramo de negócio ou ainda conseguir os recursos que necessita para continuar existindo e crescendo (BARBIERI e SIMANTOB, 2007). O que se quer sustentar é a capacidade para competir e para isso precisa manter um ritmo de inovações adequado para a estratégia da empresa.

Almeida (2002) reforça o conceito acima afirmando que a ideia de sustentabilidade tem como melhor tradução a palavra sobrevivência. Já para Savitz e Weber (2007, p.2), a sustentabilidade, na prática, é entendida como “a arte de fazer negócios num mundo interdependente”.

No entendimento Pereira, Silva e Carbonari (2011, p. 66), as expressões responsabilidade social, desenvolvimento sustentável, responsabilidade empresarial ou corporativa estão sendo muito debatidos e pesquisados, porém, devido à sua complexidade, ainda não existe uma clara compreensão deles. Definem a sustentabilidade como “a característica de um processo ou sistema que permite que ele exista por certo tempo ou por tempo indeterminado”. Afirmam que o termo nos últimos anos “tornou-se um princípio segundo o qual o uso dos recursos naturais para a satisfação das necessidades presentes não deve comprometer a satisfação das necessidades das gerações futuras”. Comentam que o conceito de sustentabilidade abrange as relações entre desenvolvimento econômico, qualidade ambiental e equidade social. Iniciou ao ser delineado em Estocolmo (Suécia), no ano de 1972, na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU).

Embora ainda não se fazia menção ao *desenvolvimento sustentável*, Pereira, Silva e Carbonari (2011, p. 66) consideram que o documento final da Conferência mencionada no seu item 6 assinalava para a necessidade de “defender e melhorar o ambiente humano para as atuais e futuras gerações” em consonância com a paz e o desenvolvimento socioeconômico. Entendem o desenvolvimento sustentável como o modelo de desenvolvimento que adota este princípio, ou seja, uma sociedade é sustentável se não põe em risco os recursos naturais de que necessita. O conceito de desenvolvimento sustentável passa a tornar-se mais conhecido a partir da publicação dos resultados dos trabalhos da Comissão *Brundtland* em 1987, que critica o modelo de crescimento com base na exagerada exploração dos recursos naturais.

A definição mais reconhecida de desenvolvimento sustentável foi da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD) (apud BARBIERI e SIMANTOB, 2007, p.93), “Desenvolvimento sustentável é aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade das gerações futuras de atenderem as suas próprias necessidades”.

Na Conferência sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento do Rio de Janeiro (Rio-92, ou Eco-92) foi criada a Agenda 21, que “abriu caminho para a construção política de um plano de ação e de planejamento global com o objetivo de formatar um novo paradigma para a economia e a civilização” (PEREIRA, SILVA e CARBONARI, 2011, p. 72). Concluem que o conceito de sustentabilidade vem sendo associado a novos valores que envolvam a responsabilidade pelas condições de vida da sociedade e o bem estar das futuras gerações.

Andrich (2016, p.11), em entrevista a Marcos Silva, hoje, Secretário Executivo do Núcleo dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU cita que “os novos objetivos de Desenvolvimento sustentável consistem numa agenda global com 17 macro objetivos e 169 metas a serem atingidas até 2030, adotadas em setembro de 2015 nas Nações Unidas por 193 países, incluindo o Brasil”. Afirma ainda que esses objetivos

preveem ações mundiais nas áreas de erradicação da pobreza, segurança alimentar, agricultura, saúde, educação, igualdade de gênero, redução das desigualdades, energia, água e saneamento, padrões sustentáveis de produção e de consumo,

mudança do clima, cidades sustentáveis, proteção e uso sustentável dos oceanos e dos ecossistemas terrestres, crescimento econômico inclusivo, infraestrutura, industrialização, entre outros (ANDRICH, 2016, p.11).

Chiavenato (2008) relaciona o tripé em que se fundamenta o desenvolvimento sustentável: a viabilidade econômica, a responsabilidade social e responsabilidade ambiental.

2.1.1 Dimensão Econômica

Um dos aspectos básicos do desenvolvimento sustentável é o econômico-financeiro ou lucro, que consiste numa visão de curto prazo, privilegiando a lucratividade, e que precisa ser expandida no longo prazo para a criação de valor (CHIAVENATO, 2008). Na esfera econômica, sustentabilidade significa: “restituir os recursos naturais consumidos pelas organizações” (RBA, 2012, p. 32).

Na concepção de Almeida (2002), o homem se deu conta no final do século XX, que para compreender a natureza era necessário um novo paradigma: orgânico, holístico e integrador, ou seja uma estrutura de pensamento que não divida o universo em disciplinas, mas se adote um modelo transdisciplinar, capaz de explicar as relações entre as partes. Esse desafio tornou-se presente para responder a questão: como conciliar a atividade econômica com a conservação dos sistemas ambientais?

Segundo Pereira, Silva e Carbonari (2011), com foco no aspecto econômico, para o Banco Mundial, a sustentabilidade é apoiar as políticas de desenvolvimento e as ambientais na comparação entre custos e benefícios e uma análise econômica que reforce a proteção ambiental e aumente os níveis de bem-estar. Nesta perspectiva econômica a sustentabilidade abrange a alocação e a gestão mais eficiente dos recursos e um fluxo regular de investimento público e privado. Tem como foco a maximização do lucro, mas além de manter a competitividade no mercado precisa considerar os aspectos ambientais e sociais.

Savitz e Weber (2007, p. 3) conceituam sustentabilidade como a “gestão do negócio de maneira a promover o crescimento e gerar lucro, reconhecendo e facilitando a realização das aspirações econômicas e não-econômicas das pessoas de quem a empresa depende, dentro e fora da organização”. Consideram-a como o “princípio fundamental da gestão inteligente”, no contexto atual onde o resultado financeiro quase sempre é percebido como a única medida de sucesso.

Os mesmos autores reportando-se a Elkington, guru da sustentabilidade, dizem que ele propõe às empresas avaliarem o sucesso não apenas com base no desempenho financeiro, mas também sob o ponto de vista de seu impacto sobre a economia mais ampla, o meio ambiente e a sociedade em que estão inseridas. Argumentam que as empresas ao executar suas atividades além dos recursos financeiros, também utilizam recursos ambientais e sociais. Não se pode pensar em lucro dissociado dos impactos econômicos e ambientais, porém as empresas bem gerenciadas reconhecem e exploram essas tendências como fontes de vantagem competitiva.

As empresas necessitam ir além da redução da poluição e do uso de recursos para chegarem à ecoeficiência, pois esta exige estratégias de gestão ambiental preventiva, que enfatiza a criação de valor e relaciona a excelência ambiental com a empresarial (ALMEIDA, 2002).

Dumke, Anazco e Paul (2010, p. 240) defendem que os negócios hoje exigem uma visão ampliada e holística do empreendedor a fim de que possa se manter ativo e competitivo no seu mercado. Precisa adotar um modelo de gestão que se identifique com este mercado, estabelecendo “aliança ente lucros aos acionistas com desenvolvimento e exercício da cidadania e preservação ambiental”. Comenta que é uma exigência do mercado adotar a gestão socialmente responsável e sustentável, assim como uma vantagem para o lucro, porque garante a longevidade do negócio.

2.1.2 Dimensão Social

Dentre os aspectos fundamentais do desenvolvimento sustentável está o social que se preocupa em prestar serviço à comunidade, visando melhorar o mundo para a prática dos negócios (CHIAVENATO, 2008).

Para Gomes e Moretti (2007, p. 9) “responsabilidade social é a capacidade de dar respostas ou de buscá-las.” Explicam que responsabilidade social é um dos elementos que serve de ligação entre as empresas e os demais interessados (*Stakeholders*) ou seja, as empresas engajadas nesta proposta procuram dar respostas às demandas sociais.

A abordagem sociocultural focaliza estratégias de sustentabilidade dentro do desempenho e do lucro, porém preocupadas com os efeitos sociais e ambientais das atividades, visando a melhoria da qualidade de vida das comunidades, a memória cultural e crescimento econômico. A sustentabilidade sob esta perspectiva social preocupa-se principalmente com o ser humano, com seu bem-estar humano e a qualidade de vida (PEREIRA, SILVA e CARBONARI 2011).

Gomes e Moretti (2007, p. 63) destacam que “de fato, constitui hoje um ponto de tensão para o modelo de gestão empresarial e de suas relações com a sociedade”. Salientam que o principal elemento desse ponto de tensão é o choque entre as duas visões distintas da sociedade, a econômica e social, que dificulta o diálogo pela divergência de lógicas: “a lógica do mercado, voltada para acumulação individual e a da comunidade volvida para a solidariedade e compartilhamento”. A ideia central de responsabilidade social relacionada à empresa surge nos Estados Unidos em 1906 com um trabalho de Charles Eliot. Em 1923 Oliver Sheldon estabelece um debate sobre a responsabilidade social. Apenas em 1953, com a retomada da questão da atuação da empresa na sociedade, a discussão em torno da responsabilidade social toma uma nova direção, atribuindo uma visão ética ao mundo dos negócios. Zenisek (1979 apud GOMES E MORETTI, 2007) propõe duas vertentes acerca da responsabilidade social empresarial a da ética nos negócios e a das expectativas da sociedade.

A evolução da responsabilidade social pode ser visualizadas no Quadro 1.

Década de 1970	controle ambiental
Década de 1980	planejamento ambiental
Década de 1990	gestão ambiental
Primeira década do século XXI	responsabilidade social e ambiental

Quadro 1 – Evolução do escopo da responsabilidade social

Fonte: Gomes e Moretti (2007, p. 37).

Conforme Pereira, Silva e Carbonari (2011), entre os dias 5 a 16 de junho de 1972, em Estocolmo, é colocado o marco inicial da consciência ecológica na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano. São abordados temas como sustentabilidade, degradação do meio ambiente e a necessidade de ações econômicas e sociais em âmbito internacional em defesa e melhoria do meio ambiente humano para as gerações atuais e futuras.

De acordo com Gomes e Moretti (2007), o processo de responsabilidade social vai se concretizando com as organizações por meio de uma série de leis que exigem delas ações de proteção à natureza, diminuindo os níveis de poluição e criando ações sociais. Entre as normas criadas para a qualidade com o intuito de verificar as ações sociais das empresas encontram-se:

- a) Normas ISO 14000, que tratam da gestão ambiental, visando conscientizar as empresas quanto aos efeitos que geram no meio ambiente;

- b) Padrão BS 8800 e OHSAS 18000, que versam sobre a segurança e saúde no trabalho. As primeiras, em vigor desde 1996, permitem direcionar as ações quanto aos aspectos de prevenção das pessoas nas organizações. As segundas são um guia para a prática de gestão de segurança e higiene ocupacional, procurando a minimização de riscos de acidentes e doenças do trabalho;
- c) AS 8000 e NBR 16000, abordam a responsabilidade social, referindo-se à proibição de contratação de crianças e discriminação, permissão de associação de trabalhadores, regulamentação de jornada de trabalho, proibição de castigo físico.

O desdobramento de investimentos realizados por empresas na área social ou em comunidades ou seja, investimento social privado, resultou no conceito de Responsabilidade Social Empresarial. De acordo com Pereira, Silva e Carbonari (2011, p. 85), este conceito, para o Instituto Ethos, abrange duas dimensões:

- a) “Uma forma de gestão que se define pela relação ética e transparente da empresa com todos os públicos com os quais ele se relaciona.”
- b) “O estabelecimento de meta empresariais que impulsionam o desenvolvimento sustentável da sociedade, preservando recursos ambientais e culturais para gerações futuras, respeitando a diversidade e promovendo a redução das desigualdades sociais”.

Barbieri e Simantob (2007) explicitam que o desenvolvimento sustentável é o objetivo a ser atingindo pela humanidade através de seus segmentos, enquanto que a responsabilidade social empresarial refere-se ao que deve ser e ao meio através do qual as organizações contribuem para esta tarefa global.

2.1.3 Dimensão Ambiental

A sustentabilidade com ênfase no aspecto ambiental trata da preservação dos processos ecológicos, focada na capacidade dos sistemas físico e biológico de enfrentar os distúrbios e manter sua estrutura e funções. A sustentabilidade nesta perspectiva ambiental foca os impactos das atividades humanas em relação ao meio ambiente. Trata-se de estabelecer políticas de conservação de energia e recursos naturais, reduzir o uso de combustíveis fósseis e a emissão de substâncias poluentes, substituir produtos não renováveis por renováveis e tornar os produtos utilizados mais eficientes (PEREIRA, SILVA e CARBONARI, 2011).

Na visão de Marques (apud ALMEIDA, 2002), o conceito de responsabilidade ambiental vai muito além do simples cumprimento de obrigações legais. Abrange a cidadania, o compromisso social, os princípios, as crenças e os valores de uma empresa, seus empregados e as comunidades de sua atuação. A dimensão ecológica ou respeito ao ambiente, conforme Chiavenato (2008), pretende tornar o mundo melhor para viver, e estar atenta para que os produtos e serviços não prejudiquem o meio ambiente.

Gomes e Moretti (2007) expõem que a gestão ambiental, de acordo com as Normas ISO 14000, tratam dos processos internos das empresas procurando evitar desastre e contaminações nocivos ao meio ambiente, destacando os pontos:

- a) avaliação do impacto das consequências que os produtos da empresa possam provocar na natureza;
- b) atendimento dos chamados da sociedade referente ao possíveis prejuízos e descasos ambientais;
- c) definição de indicadores internos para a mensuração do desempenho da empresa na gestão do meio ambiente;
- d) redução de custos na prevenção de acidentes ambientais e na prestação de serviços.

Segundo Tachizawa (2010, p. 6), gestão ambiental “é a resposta natural das empresas ao novo cliente, o consumidor verde e ecologicamente correto”. Almeida (2002) enfatiza que

a gestão ambiental é a forma como a empresa movimentada-se na busca da qualidade ambiental almejada. Restringe os impactos negativos de atuação e aprimora o gerenciamento dos riscos.

Para Hahn e Oliveira (2005), a dimensão ambiental além do valor de mercado precisa considerar as questões de cultura e espiritualidade, justiça, ética, conhecimento científico e outros saberes, experiências adquiridas pelas pessoas, sem descuidar os riscos, incertezas e desconhecimentos nas relações entre o sistema social e o ecológico. Finalizam dizendo que o valor ambiental precisa ser construído de maneira a induzir um comportamento sustentável.

De acordo com Almeida (2002), a humanidade conseguiu dar dois importantes saltos rumo ao desenvolvimento sustentável: o esboço conceitual filosófico que se iniciou pela Comissão de Brundtland em 1987, que vem sendo reforçado e ampliado, e a realização da Rio-92, com acordos e início da aplicação da política do esboço de 1987. Prevê como terceiro salto o início da operação simultânea das dimensões: econômica, social e ambiental. Enfatiza que a sustentabilidade exige uma nova ordem em âmbito mundial, relacionada com uma mudança de atitude de cada nação, instituição e indivíduo.

2.2 Cooperativismo e Economia Solidária Sustentável

O cooperativismo, segundo Singer (2002), teve seu início com a cooperativa dos Pioneiros Equitativos de *Rochdale*, num importante centro têxtil na Inglaterra, em 1844. De acordo com o Ministério da Agricultura (2016, p.1), o cooperativismo consiste em “um movimento universal dos cidadãos em busca de um modelo mais justo, que permita a convivência equilibrada entre o econômico e o social”. Expõe ainda seus sete princípios: adesão voluntária e livre; gestão democrática e livre; participação econômica dos membros; autonomia e independência; educação, formação e informação; intercomunicação e interesse pela comunidade. Complementa OCB (2014), que o cooperativismo tem uma forma ideal de organização, sendo um modelo socioeconômico com capacidade de unir o desenvolvimento econômico e bem estar social. Tem como finalidade a união de pessoas e não o capital.

Para Schneider e Perius (2003 apud LANGE, 2009) toda a cooperativa além de ser uma associação, também constitui-se em uma empresa peculiar, sendo propriedade de seus associados, na qual atuam com participação e direitos específicos. Esta está a serviço de seus membros, visando promover seus objetivos conforme o estatuto.

Na percepção de Lange (2009), a economia popular solidária assume diferentes formas de organização na tentativa de produzir suas próprias fontes de trabalho, levando em conta uma perspectiva solidária em que articula interesses coletivos. A ênfase na construção do solidário abre perspectivas para incluir em seu movimento alternativas no econômico e no social, surgindo muitas experiências comunitárias e a comercialização direta.

“O movimento de Economia Solidária está construindo uma nova lógica, uma nova cultura de produção e comercialização justa e sustentável, com o desafio de ampliar a renda dos Empreendimentos Econômicos Solidários (EES), sem utilizar as práticas do modelo atual” (V PLENÁRIA NACIONAL DE ECONOMIA SOLIDÁRIA, 2013, p. 27). Comenta que a Economia Solidária vai além de um processo econômico, trata-se de uma relação e produção interpessoal. “Não é competição, é solidariedade. Queremos mais vida coletiva, indivíduos fortes, que cuidem de si mesmos, de sua família, da sociedade e do meio ambiente necessário à vida” (p. 33). Busca construir uma nova cultura centrada no ser humano, fundamentada nos valores do bem viver: igualdade, democracia, solidariedade, cooperação, autogestão, justiça social, econômica e ambiental. Enfatiza mais adiante: “Economia Solidária e Bem Viver: uma nova relação com a vida a partir de práticas de cooperação e solidariedade” (p. 37). A Economia Solidária pressupõe como finalidade a promoção do bem viver, que constitui respeito com o ambiente e uma vida harmônica entre todos os seres.

O relatório da V PLENÁRIA NACIONAL DE ECONOMIA SOLIDÁRIA (2013, p. 35) destaca: “A sustentabilidade que queremos e precisamos: o direito à vida e ao trabalho associado das gerações atuais e futuras” e a conceitua:

Entendemos que sustentabilidade é um conceito amplo, que ultrapassa a ideia de preservação da natureza, mas propõe o estabelecimento de outra relação com a vida, abrangendo os aspectos econômico, político, social, ambiental e cultural, de forma indissolúvel. A sustentabilidade significa a possibilidade de se obter, continuamente, condições iguais ou superiores de vida para as pessoas e as gerações futuras, num dado ecossistema (p.35).

A economia solidária é um “modo de organização da produção, comercialização, finanças e consumo que privilegia o trabalho associado, a cooperação e a autogestão”, oferece trabalho e renda para os desempregados (CULTI, KOYAMA e TRINDADE, 2010, p. 07).

Para Allegri e Rosa (2010), a sustentabilidade precisa ser conquistada com ética e respeito, servindo-se dos momentos de formação e capacitação dos empreendedores da economia solidária.

3 METODOLOGIA

A pesquisa neste artigo, classifica-se quanto à natureza como qualitativa e quantitativa. Para Marconi e Lakatos (2011) a pesquisa qualitativa busca analisar e explicar aspectos mais intensos, delineando a complexidade do comportamento humano, tendo o mínimo de estruturação prévia. A análise quantitativa atribuiu-se valor para cada dado coletado na condução aos resultados da pesquisa. Conforme Michel (2009), a análise quantitativa fundamenta-se na quantificação na coleta das informações e no tratamento dessas através de técnicas estatísticas. Corroborando Flick (2013) destaca que os estudos quantitativos possuem como objetivo testar uma suposição anteriormente conjecturada e avaliando as conexões.

Quanto aos objetivos classifica-se como exploratória e descritiva. Para Malhotra (2011), a pesquisa exploratória procura descobrir ideias e esclarecimentos sobre uma situação, enquanto que a pesquisa descritiva detém-se na descrição de características e funções.

Em relação aos procedimentos classifica-se como estudo de campo. Para Vergara (2009) pesquisa de campo está na ressalva dos fatos tal como acontecem, não permite isolar e controlar as variáveis, mas compreender e estudar as analogias formadas.

Procedeu-se a coleta, registro e análise dos dados obtidos junto aos empreendedores presentes na 21ª Feira Internacional do Cooperativismo e 10ª Feira Latino Americana de Economia Solidária, realizadas no mês de julho de 2014, no Terminal de Comercialização Dom Ivo Lorscheiter, do Projeto Esperança/ Cooesperança de Santa Maria, RS.. O plano de coleta dos dados efetivou-se através de entrevista padronizada com treze questões fechadas. De uma população de 855 grupos de expositores de dezoito Estados do Brasil e de outros cinco países, foi extraída uma amostra de 303 pessoas, pelo método de amostragem não-probabilística por acessibilidade. Os dados foram processados através do *software Sphinx Léxica - V5*, sendo efetivada a análise quantitativa e a interpretação qualitativa dos mesmos.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

No período de 18 a 20 de julho de 2014, foram realizadas a 21ª Feira Internacional do Cooperativismo (Feicoop) e a 10ª Feira Latino Americana de Economia Solidária, evento que atraiu um recorde de público de cerca de 240 mil pessoas que visitaram o Centro de Referência em Economia Solidária Dom Ivo Lorscheiter, na cidade de Santa Maria no Rio Grande do Sul. Os visitantes vieram de quatro continentes (África, Ásia, Europa e América do Sul) e de 20 países: Argentina, Brasil, Canadá, Chile, China, Colômbia, Equador, Espanha, Estados Unidos, França, Haiti, Hungria, Itália, México, Nicarágua, Paraguai, Peru, Portugal,

Senegal e Uruguai. Houve também a presença de 27 Estados brasileiros, com 542 municípios representados. Participaram da organização da Feira 65 equipes de trabalho, 250 entidades e 855 grupos expositores que representam 8.300 empreendimentos em rede. Foram expostos mais de 10 mil produtos destacando-se: Agroindústria familiar, hortifrutigranjeiros, plantas ornamentais, artesanato, alimentação e produtos de 8 povos indígenas (ROSAURO, 2014).

A pesquisa sobre as dimensões da sustentabilidade dos empreendimentos presentes na Feira de Economia Solidária realizada na cidade de Santa Maria do Rio Grande do Sul abrangeu uma amostra de 303 com uma representação dos seguintes países, o Brasil ficou com 94,8%, a Argentina com 2,3%, o Equador com 2,0%, o Chile, o Perú e o Uruguai com 0,3% cada um.

Quanto aos Estados, 66,0% dos empreendimentos são provenientes do Rio Grande do Sul, 8,8% de Minas Gerais, 5,4% do Paraná, 3,7% do Espírito Santo e de São Paulo, respectivamente, 3,4% do Rio de Janeiro, 2,4% de Santa Catarina, 0,7% do Distrito Federal, 0,3% de cada um dos Estados de Alagoas, Bahia, Boa Vista, Ceará, Goiás, Mato Grosso, Pará, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Tocantins, ainda 7,6% de Estados de outros países.

Dos empreendimentos pesquisados as cidades que obtiveram maior representação foram Santa Maria com 20,0% da amostra Novo Hamburgo com 4,0%, Porto Alegre com 3,3%, Belo Horizonte com 3,0%, Caxias do Sul, Osasco, Pelotas e São Lourenço do Sul com 2,4% cada uma, Esteio e São José dos pinhais com 2,0% respectivamente. Seguem ainda Curitiba e Sapucaia com 1,7%, Bagé, Canoas, Gravataí e Passo Fundo com 1,4%, cinco cidades com 3 representantes ou seja 1,0%, 21 cidades com dois representantes ou seja 0,7% e as demais 82 cidades ou seja 25,0% com apenas um representante cada uma. Cabe destacar que 5,3% ou dezesseis das cidades pesquisadas pertencem aos países do exterior citados.

Quanto à idade dos pesquisados que 68,9% possuem mais do que 40 anos, ou seja 38,9% encontram-se na faixa etária acima de 50 anos, 30% situam-se entre 41 e 50 anos, 14,5% estão entre 31 e 40 anos, 13,5% de 20 a 30 anos e 3,0% têm menos de 20 anos.

Com relação ao gênero dos expositores na feira evidencia-se a significativa representação feminina com 73,3% e do gênero masculino de 26,7%. Os dados reforçam a dificuldade da mulher encontrar espaço no mercado de trabalho formal, acrescido do fator faixa etária mais elevada dos pesquisados.

O estado civil predominante é casado com 57,4%, tendo como uma provável explicação a faixa etária de maior incidência. A seguir vem solteiro com 24,4%, e após com percentuais equivalente divorciado com 5,6%, viúvos 5,3% e separado 5,0%, união estável com 1,3% e ainda 1,0% outro estado civil.

No que se refere à escolaridade salienta-se que 30,0% cursaram o ensino médio completo. Constata-se um equilíbrio entre o ensino fundamental incompleto com 14,5%, ensino fundamental completo com 13,9%, ensino médio incompleto com 10,6%, assim como curso superior completo 11,6% e superior incompleto 10,6%. Um percentual de 3,6% atingiram o nível de pós-graduação completo e 1,7% têm pós-graduação incompleto. Ainda, 8,6% dos empreendedores possuem curso técnico além do ensino médio.

A diversidade de níveis e tipos de formação demonstra que a maioria dos empreendedores possuem uma preparação de bom nível, acrescida da experiência que acumularam ao longo da vida e do tempo de participação no movimento Economia Solidária.

Na Tabela 1 consta a relação do ramo de atividade do Projeto em que participam.

Tabela 1 - Ramo de atividade do seu Projeto

Ramo de atividade do seu Projeto	Freq.	%
Não resposta	1	0,3%
Artesanato em geral	207	68,3%
Embutidos	8	2,6%

Laticínios	8	2,6%
Hortifrutigranjeiros	19	6,3%
Panificação	26	8,6%
Doces em geral	30	9,9%
Vestuário	18	5,9%
Apicultura	8	2,6%
Outro	39	12,9%
Total	303	

Obs. A quantidade de citações é superior à quantidade de observações devido às respostas múltiplas.

Vários expositores disseram participar em mais de um ramo, ocasionando respostas múltiplas. O artesanato em geral destacou-se com 68,3%, sendo que muitos expositores vieram de localidades distantes, e estes não exigem cuidados como os produtos perecíveis. A seguir citam outros, que quando explicitados geralmente são algum tipo específico de artesanato. Sobressem ainda doces em geral com 9,9%, panificação 8,6%, hortifrutigranjeiros 6,3% e vestuário com 5,9%.

Quanto ao tempo em que participam da Economia Solidária, encontra-se na Tabela 2.

Tabela 2 - Há quanto tempo participa do empreendimento na Economia Solidária

Há quanto tempo participa	Freq.	%
Até 5 anos	171	56,4%
6 a 10 anos	73	24,1%
11 a 20 anos	47	15,5%
21 a 30 anos	12	4,0%
Total	303	100%

As informações prestadas revelam que a maioria (96%) situa-se num período de até 20 anos. Predomina o período de até 5 anos com 56,4%, seguido de 6 a 10 anos com 24,1% e de 11 a 20 anos com 15,5%. Apenas 4% participam de 21 a 30 anos. Estes dados demonstram que as pessoas estão aderindo cada vez mais a estas formas alternativas de produzir e comercializar do movimento de Economia Solidária, que ainda é relativamente novo.

Percebe-se na Tabela 3 as principais formas de atuação dos grupos.

Tabela 3 - Principal formas de atuação na Economia Solidária

Sua principal atuação	Freq.	%
Membro do grupo	198	65,4%
Líder do grupo	68	22,4%
Assessor	6	2,0%
Equipe de Coordenadores	25	8,3%
Outro	8	2,6%
Total	303	

Obs. A quantidade de citações é superior à quantidade de observações devido às respostas múltiplas.

Os que responderam a pesquisa atuam de diversas formas nos seus empreendimentos, sendo que alguns se situam em mais de uma delas, ocasionando respostas múltiplas. A maioria, ou seja 65,4%, exerce seu trabalho como membro do grupo, enquanto que 22,4% ocupam a posição de mobilizador de seu grupo, 8,3% pertencem à Equipe de Coordenadores, 2,6% dizem se encontrar em outra situação e ainda 2,0% assumem o papel de assessor dos grupos. Os resultados da investigação, portanto provêm de uma diversidade de pessoas.

A Tabela 4 a quantidade de grupos representados nesta Feira.

Tabela 4 - Quantos grupos que está representando nesta Feira

Grupos você está representando	Freq.	%
--------------------------------	-------	---

Um grupo	198	65,4%
Dois grupos	44	14,5%
Três grupos	25	8,3%
Quatro grupos	9	3,0%
Cinco grupos	6	2,0%
Mais grupos	21	6,9%
Total	303	100%

Em se tratando de Economia Solidária e que muitos percorrem longas distância para participarem na Feira em Santa Maria, se tem conhecimento que algumas pessoas trazem produtos de outros grupos procurou-se saber quantos grupos o respondente está representando. Obteve-se como resultado que 65,4% representam apenas o seu grupo, 14,5% representam dois grupos, 8,3% três grupos, 6,9% mais de 5 grupos, 3,0% quatro grupos, 2,0% representam cinco grupos. Com base nestes dados pode-se calcular que mais do que 250 grupos se fizeram representar nesta Feira, além dos 855 que se fizeram efetivamente presentes, demonstrando a solidariedade dos grupos trazendo os produtos dos ausentes.

Nas Tabelas 6, 7 e 8 são analisados os principais fatores da sustentabilidade. A dimensão econômica pode ser percebida nos 14 fatores expostos na Tabela 5.

Tabela 5 - Dimensão Econômica

Fatores Econômicos	Nada Imp.	Relat. Imp.	Indif.	Imp.	Muito Imp.	Total
	Fr. %	Fr. %	Fr. %	Fr. %	Fr. %	Fr. %
1 Apoio governamental: subsídios	78 25,7	27 8,9	34 11,2	52 17,2	112 37,0	303 100
2 Definição de metas e objetivos	6 2,0	15 5,0	30 9,9	78 25,7	174 57,4	303 100
3 Gestão de processos, produtos e serviços	7 2,3	14 4,6	38 12,5	91 30,0	153 50,5	303 100
4 Políticas de qualidade	6 2,0	11 3,6	28 9,2	57 18,8	201 66,3	303 100
5 Custo do produto fabricado	5 1,7	17 5,6	14 4,6	71 23,4	196 64,7	303 100
6 Determinação de preço para o mercado	6 2,0	14 4,6	25 8,3	68 22,4	190 62,7	303 100
7 Acesso ao mercado: comercialização (quantidade de vendas)	9 3,0	15 5,0	35 11,6	69 22,8	175 57,8	303 100
8 Impacto na economia local (consumo local da oferta)	11 3,6	20 6,6	44 14,5	87 28,7	141 46,5	303 100
9 Efeito da atividade na comunidade: geração de trabalho e renda	8 2,6	22 7,3	30 9,9	75 24,8	168 55,5	303 100
10 Contribuição à empregabilidade dos mobilizadores	17 5,6	18 5,9	34 11,2	89 29,4	145 47,9	303 100
11 Avaliação de resultados do trabalho do grupo	8 2,6	16 5,3	30 9,9	66 21,8	183 60,4	303 100
12 Infraestrutura adequada	11 3,6	23 7,6	34 11,2	62 20,5	173 57,1	303 100
13 Investimento em tecnologias limpas	18 5,9	26 8,6	32 10,6	63 20,8	164 54,1	303 100
14 Investimento no próprio projeto ou em outros	5 1,7	11 3,6	27 8,9	57 18,8	203 67,0	303 100

A análise dos dados desta tabela mostra que existe uma significativa preocupação com os fatores econômicos, pois todos eles apresentam percentual superior a 54,0% considerando a soma das respostas importante e muito importante. Destacam-se por ordem decrescente o

Custo do produto fabricado com 88,1%, Investimento no próprio projeto ou em outros com 86,7%, Políticas de qualidade e Determinação do preço para o mercado com 85,1% respectivamente, Definição de metas e objetivos com 83,1%, Avaliação de resultados do trabalho do grupo com 82,2%, Acesso ao mercado: comercialização (quantidade de vendas) com 80,6%, Gestão de processos, produtos e serviços com 80,5%, e Efeito da atividade na comunidade: geração de trabalho e renda com 80,3%. O Investimento no próprio projeto representou 67,0% como muito importante, sendo o mais elevado na dimensão econômica.

Os resultados econômicos analisados reforçam o pensamento de Savitz e Weber (2007) de que a sustentabilidade na gestão do negócio é uma maneira de promover o crescimento e gerar lucro, e que facilita a realização das aspirações econômicas e não-econômicas das pessoas que atuam na organização e das de fora dela que se beneficiam com os produtos e serviços. Mesmo assim, sugere-se que precisam buscar melhorias em praticamente todas essas variáveis, com ênfase na busca de apoio governamental em subsídios e investimentos para tocar o seu empreendimento. E não é demais ter presente o que advertem Dumke, Anazco e Paul (2010), de que os negócios hoje exigem do empreendedor uma visão ampliada e holística para se manter ativo e competitivo no mercado.

A Tabela 6 abrange em 13 fatores a dimensão social dos empreendimentos da Economia Solidária pesquisados na Feira.

Tabela 6 - Dimensão Social

Fatores Sociais	Nada	Relat.	Indif.	Imp.	Muito	Total
	Imp.	Imp.	Fr.	Fr.	Imp.	
	Fr.	Fr.	Fr.	Fr.	Fr.	Fr.
	%	%	%	%	%	%
1 Nível de educação dos mobilizadores	13 4,3	17 5,6	39 12,9	74 24,4	160 52,8	303 100
2 Capacitação e motivação para o desenvolvimento dos mobilizadores (reuniões)	10 3,3	16 5,3	38 12,5	65 21,5	174 57,4	303 100
3 Preservação de valores culturais e éticos	7 2,3	7 2,3	36 11,9	53 17,5	200 66,0	303 100
4 Participação dos mobilizadores no processo decisório	9 3,0	12 4,0	28 9,2	66 21,8	188 62,1	303 100
5 Informação sobre produtos e serviços exigida para rotulagem	68 22,4	17 5,6	32 10,6	66 21,8	120 39,6	303 100
6 Pesquisa ou práticas relacionadas à satisfação do cliente	14 4,6	12 4,0	32 10,6	80 26,4	165 54,5	303 100
7 Transporte próprio de seus produtos	11 3,6	17 5,6	61 20,1	52 17,2	162 53,5	303 100
8 Distribuição de renda	11 3,6	15 5,0	32 10,6	64 21,1	181 59,7	303 100
9 Satisfação de necessidades sociais	9 3,0	17 5,6	56 18,5	73 24,1	148 48,8	303 100
10 Políticas de responsabilidade social, saúde e segurança no trabalho	40 13,2	29 9,6	30 9,9	61 20,1	143 47,2	303 100
11 Programa de prevenção de acidentes e doenças para os envolvidos	48 15,8	30 9,9	38 12,5	53 17,5	134 44,2	303 100
12 Programas para a melhoria da qualidade de vida	18 5,9	26 8,6	35 11,6	52 17,2	172 56,8	303 100
13 Interação com a sociedade e envolvimento em projetos comunitários e regionais	12 4,0	19 6,3	38 12,5	43 14,2	191 63,0	303 100

Observa-se na tabela acima que todos os fatores, considerando as respostas importantes e muito importante conjuntamente, perfazem a apreciação da maioria. As variáveis mais relevantes estão assim distribuídas: Participação dos mobilizadores no

processo decisório com 83,9%, Preservação de valores culturais e éticos com 83,5%, Pesquisa ou práticas relacionadas à satisfação do cliente com 80,9%, Distribuição de renda com 80,8%, Capacitação e motivação para o desenvolvimento dos mobilizadores (reuniões) com 78,9%, Nível de educação dos mobilizadores e Interação com a sociedade e envolvimento em projetos comunitários e regionais com 77,2% respectivamente. Cabe destacar que a Preservação de valores culturais e éticos recebeu o maior percentual de avaliação, ou seja 66%, no grau muito importante.

Ainda se salientam os Programas para a melhoria da qualidade de vida com 74,0%, Satisfação de necessidades sociais com 72,9% e Transporte próprio de seus produtos com 70,7% e os demais posicionam-se acima de 61%.

A análise dos dados referentes aos fatores sociais corroboram a visão de Pereira, Silva e Carbonari (2011) de que sustentabilidade na perspectiva social cultiva uma preocupação sobretudo com o ser humano, seu bem-estar e a qualidade de vida. Esta proposta da responsabilidade social de buscar e dar respostas às demandas sociais, servindo de elemento de ligação entre as organizações engajadas e a comunidade, como defende Gomes e Moretti (2007), vem se concretizando por meio dos grupos de Economia Solidária como revela a pesquisa.

Uma visão da dimensão ambiental pode ser formada por meio de 15 fatores pesquisados junto à amostra dos membros empreendimentos na Tabela 7.

Tabela 7 - Dimensão Ambiental

Fatores Ambientais	Nada Imp.	Relat. Imp.	Indif.	Imp.	Muito Imp.	Total
	Fr. %	Fr. %	Fr. %	Fr. %	Fr. %	Fr. %
1 Política de gestão ambiental com base na legislação no seu grupo	18 5,9	23 7,6	44 14,5	83 27,4	135 44,6	303 100
2 Avaliação de aspectos e impactos ambientais	18 5,9	16 5,3	62 20,5	70 23,1	137 45,2	303 100
3 Estratégias e planos futuros para a gestão de impactos	19 6,3	17 5,6	53 17,5	77 25,4	137 45,2	303 100
4 Estratégias de conservação do ecossistema e proteção à vida	13 4,3	16 5,3	29 9,6	64 21,1	181 59,7	303 100
5 Diversidade de produtos produzidos	12 4,0	13 4,3	24 7,9	56 18,5	198 65,4	303 100
6 Produção orgânica	102 33,7	11 3,6	29 9,6	44 14,5	117 38,6	303 100
7 Resíduos sólidos (perigosos e não perigosos) produzidos e eliminados	113 37,3	20 6,6	25 8,3	43 14,2	102 33,7	303 100
8 Quantidade de fertilizantes e pesticidas utilizados por unidade/produção	154 50,5	16 5,3	20 6,6	37 12,5	76 25,1	303 100
9 Reciclagem de material	36 11,9	7 2,3	23 7,6	55 18,2	182 60,1	303 100
10 Materiais usados provenientes de reciclagem	46 15,2	13 4,3	29 9,6	78 25,7	137 45,2	303 100
11 Embalagens recicladas e reutilizadas em relação às embalagens	40 13,2	14 4,6	32 10,6	72 23,8	145 47,9	303 100
12 Iniciativa para redução de resíduos e impactos ambientais	27 8,9	19 6,3	30 9,9	60 19,8	167 55,1	303 100
13 Melhorias ambientais	18 5,9	14 4,6	27 8,9	59 19,5	185 61,1	303 100
14 Separação de lixo	15 5,0	7 2,3	15 5,0	55 18,2	211 69,6	303 100
15 Uso direto de energia (produção, transporte, armazenagem, conservação)	27 8,9	20 6,6	49 16,2	66 21,8	141 46,5	303 100

Os fatores mais evidenciados considerando as respostas muito importante e importante conjuntamente são a Separação do lixo com 87,8%, Diversidade de produtos produzidos com 83,9%, Estratégias de conservação do ecossistema e proteção à vida com 80,8%, Melhorias ambientais com 80,6%, Reciclagem de materiais com 78,3% e Iniciativa para redução de resíduos e impactos ambientais com 74,9%, que revelam percentuais positivos elevados. A variável Separação do lixo possui o percentual mais alto (69,6%) no grau muito importante na dimensão ambiental da sustentabilidade.

Apenas dois fatores ambientais mostram-se com percentuais superior a 50% na soma das respostas nada importante, relativamente importante e indiferente, que são a Quantidade de fertilizantes e pesticidas utilizados por unidade/produção com 62,4% e Resíduos sólidos (perigosos e não perigosos) produzidos e eliminados com 52,2%, o que é explicado pelo fato da maioria representar artesanatos, onde esses fatores não são tão relevantes. Com exceção destes dois fatores, os demais apresentam percentuais superiores a 50% nas respostas importante e muito importante. o valor ambiental precisa ser construído de maneira a induzir um comportamento sustentável.

Como pode-se perceber na análise das variáveis ambientais os empreendedores pesquisados mostram-se preocupados com meio ambiente, vindo ao encontro do pensamento de Chiavenato (2008) de dar maior atenção aos produtos e serviços que não prejudiquem o meio ambiente. Também, de modo geral, esses empreendedores vem adotando um comportamento sustentável, como expõem Hahn e Oliveira (2005), portanto, já estão construindo valores ambientais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos e experiências estão demonstrando que para os empreendimentos tornarem-se sustentáveis precisam buscar em suas decisões, ações, processos e produtos, um desempenho econômico compatível com valores sociais e ambientais. As organizações que orientam seu desenvolvimento pelos princípios da sustentabilidade têm possibilidade de atrair talentos e aperfeiçoar seus relacionamentos com os clientes e demais *stakeholders*, conquistando o reconhecimento da sociedade e maior tempo de permanência no mercado.

A Feira de âmbito internacional, onde se realizou a presente pesquisa sobre a sustentabilidade dos empreendimentos foi de grande expressividade para o movimento de Economia Solidária, abrangendo quatro continentes, vários países, estados e municípios. A limitação do estudo refere-se ao breve período de tempo para a realização da pesquisa e as interrupções da aplicação da entrevista por ser durante a negociação com os clientes.

O perfil dos pesquisados caracterizou-se pela predominância do gênero feminino, com idade superior a quarenta anos, estado civil casado, bom nível de escolaridade e experiência de vida e de participação no movimento de Economia Solidária. A principal forma de participação é como membro de grupo, destacando-se as atividades de artesanato em geral.

O objetivo de identificar os fatores econômicos, sociais, ambientais positivos que mais se sobressaem foi atingido. Constatou-se que nas três dimensões a maioria considera quase todas as variáveis pesquisadas como positivas com respostas importante e muito importante juntas superior a 50%. São apresentadas as variáveis com percentagens superiores a 74,8%.

Dentre os fatores econômicos evidenciam-se o Custo do produto fabricado, Investimento no próprio projeto ou em outros, Políticas de qualidade e Determinação do preço, Definição de metas e objetivos, Avaliação de resultados do trabalho do grupo, Comercialização, Gestão de processos, produtos e serviços, e Efeito da atividade na comunidade: geração de trabalho e renda.

Em relação aos fatores sociais, as variáveis mais relevantes são: Participação dos mobilizadores no processo decisório, Preservação de valores culturais e éticos, Pesquisa ou práticas relacionadas à satisfação do cliente, Distribuição de renda, Capacitação e motivação para o desenvolvimento dos mobilizadores, Nível de educação dos mobilizadores e Interação com a sociedade e envolvimento em projetos comunitários e regionais.

No que tange aos fatores ambientais salientam-se a Separação do lixo, Diversidade de produtos produzidos, Estratégias de conservação do ecossistema e proteção à vida, Melhorias ambientais, Reciclagem de materiais e Iniciativa para redução de resíduos e impactos ambientais.

Quanto às dimensões que necessitam de maior atenção para se aperfeiçoarem foi encontrada na dimensão econômica a necessidade de maior apoio governamental com subsídios para os empreendimentos; na dimensão social informação sobre produtos e serviços e na dimensão ambiental aparecem com percentual negativo a Quantidade de fertilizantes e pesticidas utilizados por unidade/produção e os Resíduos sólidos produzidos e eliminados, por serem poucos significativos para a maioria, devido à natureza da atividade, que é artesanato.

Da análise das dimensões da sustentabilidade nos empreendimentos participantes da Feira de Economia Solidária em Santa Maria, que se constituiu no objetivo principal desta pesquisa, conclui-se que os resultados, de modo geral, atingiram um nível elevado de importância, existindo uma busca contínua de aperfeiçoamento. Mas, com o propósito de propor sugestões para melhorias da sustentabilidade nos grupos de Economia Solidária, embora os fatores caracterizam-se como positivos, ainda podem ser aprimorados em todos os aspectos das dimensões estudadas. Sugere-se, dentro das possibilidades, um pouco mais de esforço na busca de subsídios dos órgãos públicos e privados para os empreendimentos; disponibilizar mais informação sobre produtos e serviços exigida para rotulagem; e uma atenção especial à produção orgânica.

REFERÊNCIAS

ALLEGRI, Erasmo; ROSA, Conceição. **Boas ideias em economia solidária**. Fortaleza: ADITAL/BNB, jun. 2010.

ALMEIDA, Fernando. **O bom negócio da sustentabilidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

ANDRICH, Mara. Luta pelo empreendedorismo. [Entrevista] **Revista Brasileira da Administração (RBA)**. Conselho Federal de Administração (CFA), Brasília, Ano XXV, ed. 111, mar./abr. 2016.

BARBIERI, José Carlos; SIMANTOB, Moysés Alberto (Orgs.). **Organizações inovadoras sustentáveis: uma reflexão sobre o futuro das organizações**. São Paulo: Atlas, 2007.

CHIAVENATO, Idalberto. **Administração para não administradores: A gestão de negócios ao alcance de todos**. São Paulo: Saraiva, 2008.

CULTI, Maria Nezilda; KOYAMA, Mitti Ayako H.; TRINDADE, Marcelo. **Economia solidária no Brasil: tipologia dos empreendimentos econômicos solidários**. São Paulo: Todos os bichos, 2010.

DUMKE, Edimir; ANAZCO, Juan Koffler; PAUL, Nilmar. **Central de negócios: um caminho para a sustentabilidade de seus negócios.** Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: SEBRAE, 2010.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes.** Porto Alegre: Penso, 2013.

GOMES, Adriano; MORETTI, Sérgio. **A responsabilidade e o social: uma discussão sobre o papel das empresas.** São Paulo: Saraiva, 2007.

HAHN, Claudete Martha; OLIVEIRA, Roberto Guena de. Valoração econômica do meio ambiente e políticas públicas: o estudo dos termos de ajustamento de conduta. In: MANTOVANI, Waldir (Org.). **Caminhos de uma ciência ambiental.** São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005.

LANGE, Célia Maria. **A construção de conhecimentos em espaços de economia popular solidária: O sentido pedagógico do projeto esperança/cooesperança.** Ijuí: Pallotti, 2009.

MALHOTRA, Naresh. **Pesquisa de marketing: foco na decisão.** 3. ed. Porto Alegre: Pearson Prentice Hall, 2011.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais.** 2.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, 2016. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/cooperativismo-associativismo/cooperativismo>> Acesso em: 2 jun. 2016.

OCB – ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS. 2014. **Cooperativismo: forma ideal de organização.** Disponível em: <<http://www.ocb.org.br/site/cooperativisto/>>. Acesso em: 17 jan. 2016.

PEREIRA, Adriana C.; SILVA, Gibson Zucca das; CARBONARI, Maria Elisa Ehrhardt. **Sustentabilidade, responsabilidade social e meio ambiente.** São Paulo: Saraiva, 2011.

RBA – **Revista Brasileira de Administração.** Sustentabilidade: crescimento econômico com responsabilidade social. Conselho Federal de Administração (CFA), Brasília, Ano XXI, n. 87, mar./abr.2012.

ROSAURO, Maiquel. **Site, 20/07/2014.** Disponível em: <www.esperancacooesperanca.org.br>. Acesso em: 20 set. 2014.

SAVITZ, Andrew W.; WEBER, Karl. **A empresa sustentável: o verdadeiro sucesso é lucro com responsabilidade social e ambiental.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

SINGER, P. **Introdução à economia solidária.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

TACHIZAWA, Takeshy. **Gestão ambiental e responsabilidade social corporativa: estratégias de negócios focadas na realidade brasileira.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

V PLENÁRIA NACIONAL DE ECONOMIA SOLIDÁRIA. **Relatório final**. Santa Maria, Pallotti, 2013.